



RELATÓRIO ESPECIAL

O novo populismo de América Latina, um movimento mais vivo do que nunca

Madrid, setembro 2017

d+i desenvolvendo
ideias

LLORENTE & CUENCA

1. INTRODUÇÃO
2. O NOVO POPULISMO DE AMÉRICA LATINA
3. AS ETAPAS DO POPULISMO NA AMÉRICA LATINA
4. O APARENTE REFLUXO POPULISTA NA AMÉRICA LATINA
5. A SISTEMATIZAÇÃO POPULISTA, DE ACORDO COM ALCÂNTARA
6. SOBREVIVÊNCIA DOS MOVIMENTOS E LIDERANÇAS DO “NOVO POPULISMO”
7. AMLO E OS TRÊS PILARES
8. APARIÇÃO, EMERGÊNCIA E ASCENSÃO DO “POPULISMO FRENTE À ELITE” NA AMÉRICA LATINA
9. CONCLUSÕES

PROFISSIONAIS DE CONTATO

1. INTRODUÇÃO

A América Latina se prepara para viver nos próximos meses um calendário eleitoral intenso e determinante para o futuro do continente. À espera do que sucederá na Venezuela, Chile, Honduras, Costa Rica, Paraguai, Colômbia, México e Brasil, realizam eleições presidenciais até o final de 2018. Neste cenário político, o populismo, ao contrário do que parece, está mais vivo do que nunca.

Além de seus deslocamentos ideológicos pendulares pela Europa ou América, o populismo começa a gerar fórmulas similares de liderança onde estejam. Os novos líderes populistas estão unidos pelo carisma, o autoritarismo, a incorreção política ou a metonímia de tomar sua parte como o todo, da mesma forma em que compartilham a aversão pelas nuances, maniqueísmo, uma rejeição visceral a uma classe política que consideram mera máfia do poder, ou a surpreendente capacidade de capitalizar em benefício próprio todo tipo de votos de castigo.

Luisa García

Sócia e COO de LLORENTE & CUENCA na América Latina.

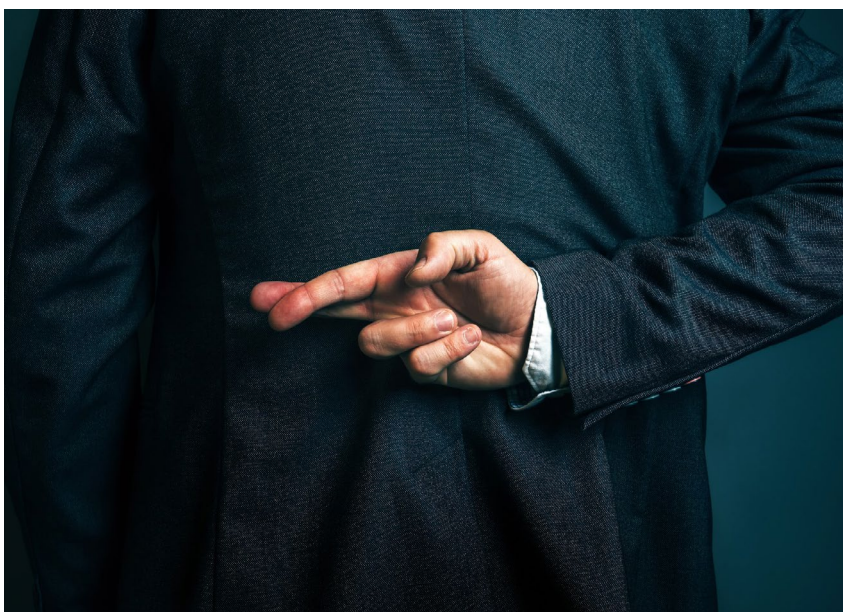
Claudio Vallejo

Diretor sênior de Latam Desk Europa de LLORENTE & CUENCA.

2. O NOVO POPULISMO DE AMÉRICA LATINA

Os diferentes resultados eleitorais registrados desde 2015 foram a causa de que se estendesse a percepção de que o populismo e os movimentos populista-demagógicos, de um partido ou de outro, em auge na Europa e nos Estados Unidos (Donald Trump, Marine Le Pen, Podemos, Syriza...) se encontram em fase de retração na América Latina. As campanhas políticas latino-americanas que vêm se realizando há dois anos, além das especificidades próprias de cada nação, pareceriam mostrar e confirmar esse refluxo.

Tendo como raiz a vitória de Mauricio Macri em 2015 frente ao kirchnerismo, esta ideia de retirada populista já era apoiada pelo acadêmico italiano Loris Zanatta, que no diário *La Nación* afirmava:



“Agora que o ciclo econômico favorável ficou para trás, as economias abertas da Aliança do Pacífico estão demonstrando, em geral, ser mais robustas e dinâmicas que as economias nacionalistas e autárquicas dos países que fazem fronteira com o Atlântico. Então, para entender o novo clima que, segundo alguns indícios, pareceria abrir caminho na América Latina, o melhor é utilizar como parâmetro a natureza dos regimes políticos. Ao fazê-lo, se verá que o apoio amplo do qual vêm desfrutando até agora os regimes populistas se está desinflando e que está crescendo a demanda de democracias normais, sem adjetivos¹”.

Porém, como se vai tentar provar nas páginas seguintes, falar do fim do populismo na América Latina é mais bem uma miragem e uma falsa percepção. Entendemos aqui populismo como uma forma de interpretar o jogo político na qual os populistas reclamam para eles a total representação de um “povo” formado somente pelos partidários do líder populista, enquanto a oposição não tem legitimidade e é equiparada à antipátria². Esta abordagem, ao contrário de estar em declínio na América Latina, continua muito presente,

¹ Loris Zanatta em *La Nación*, “Se desinflan los populismos de la región”, 2015: <http://www.lanacion.com.ar/1843963-se-desinflan-los-populismos-de-america-latina>

² Jan-Werner Müller em *What Is Populism?* University of Pennsylvania Press, 2016: <http://www.upenn.edu/pennpress/book/15615.html>

Imagem 1. Calendário eleitoral da América Latina



Fonte: <http://www.celag.org/calendario-electoral-de-america-latina-2016-2017-2018/>

agora atingiu o pico não somente por partidos, movimentos e lideranças relacionadas com o “socialismo do século XXI”, mas também também por forças que se posicionam à direita do espectro político e que agora tem maiores opções de ganhar eleições ou de obter relevância eleitoral.

Efetivamente, os fios com os quais é tecido o populismo latino-americano são persistentes e tem continuidade na atual conjuntura regional. De fato, existem claros sinais de que estão emergindo novas formas e lideranças populistas no calor do desgaste que sofrem determinados governos, assim como a causa da desaceleração e o descontentamento crescente por uns estados ineficientes e ineficazes que não canalizam adequadamente as necessidades das crescentes classes médias, que se sentem decepcionadas.

Estes novos populismos, nascidos, em sua imensa maioria, à margem do “socialismo do século XXI”, continuam tendo uma forte carga de autoritarismo, apostam pelo protecionismo, por lideranças carismáticas e por rejeitar as instituições e a institucionalidade. Como afirma o cientista político Andrés Malamud:

“O populismo promove a relação direta entre o líder e as massas. Para evitar os parlamentos e os partidos, os líderes populistas constroem uma antinomia e se posicionam a um lado: o do

povo. O nome genérico do populismo é maniqueísmo. Mais que as instituições ou as elites, o inimigo do populismo são as nuances³”.

Em última análise, vamos ter a ocasião de comprovar como a derrota do kirchnerismo na Argentina, do chavismo nas legislativas, ou as dificuldades do “correísmo” para reter o poder no Equador não supõem nenhum tipo de final do populismo latino-americano. Ao contrário, como avançará o investigador principal do Real Instituto Elcano, Carlos Malamud: “Nesta nova onda haverá novos tipos de populismo, embora de partido diferente ao que predominou desde 1998 e com grande força até o falecimento de Hugo Chávez em março de 2013⁴”. Nas seguintes páginas será analisada a mudança de ciclo político que a região vive e como, junto às alternativas de centro-direita –em auge– e de centro-esquerda –debilitada–, começa a assomar outro tipo de propostas de carácter “populista de direita”, ao mesmo tempo em que sobrevivem restos do naufrágio do “socialismo do século XXI”, o populismo de esquerda.

3. AS ETAPAS DO POPULISMO NA AMÉRICA LATINA

Na América Latina o populismo tem demonstrado ter, histo-

ricamente, grande capacidade de resistência e habilidade para ir sofrendo uma mutação ao longo do século XX e o XXI. Susanne Gratius já descreveu como existiu um primeiro populismo, “o clássico”, o dos anos 30 e 40 (Juan Domingo Perón ou Getúlio Vargas). Ressurgiu, quando muitos analistas, especialistas e académicos o consideravam morto, em forma de populismo neoliberal nos anos 90 (Carlos Menem, Alberto Fujimori ou Abdalá Bucaram) para desembocar na década passada no “novo populismo”, já na forma de “socialismo do século XXI”, e cuja principal referência foi Hugo Chávez. Desta forma, o populismo vem mostrando sua capacidade de resistência em desaparecer, madurando em terrenos apropriados: as crises políticas e institucionais, assim como as crises económicas e sociais que acabam sendo excelentes terrenos férteis, ideais para que germinem, cresçam, se desenvolvam e até sofram uma mutação.

Alguns dos novos exemplos populistas em escala mundial (Donald Trump, o populismo ultradireitista de Marine Le Pen ou o populismo de esquerda de Podemos) não podem ser explicadas sem as crises prévias (políticas e socioeconómicas) pelas quais esses países atravessaram. Da mesma

³ Andrés Malamud, en La Nación, “Un mal momento para salir del populismo”, 2017: <http://www.lanacion.com.ar/1983269-un-mal-momento-para-salir-del-populismo>

⁴ En Real Instituto Elcano por Carlos Malamud “El populismo y la nueva coyuntura política en América Latina”: <http://www.blog.rielcano.org/populismo-y-nueva-coyuntura-politica-en-america-latina/>

“O populismo [...] regressando pelos resquícios que deixam as crises cíclicas e as mudanças socioeconômicas traumáticas.”

forma, a crise dos anos 30 e as mudanças no modelo social (urbanização) e econômico (industrialização) estão atrás de fenômenos como o peronismo na Argentina e o varguismo no Brasil. A crise atual, de proporções estruturais, que começou em 2008 é o pano de fundo que explica a emergência dos exemplos populistas citados anteriormente, assim como os da Aurora Dourada ou Alexis Tsipras –ao menos até que chegou à presidência– na Grécia.

O discurso populista, simples, direto e fácil de entender, construído por líderes de oratória hábil, e geralmente eficaz porque dizem em voz alta o que muitos pensam em silêncio. Não apela à reflexão e à análise, mas aos instintos; canaliza, e fomenta a raiva e o rancor social acumulados. E na América Latina existe um terreno fértil que favorece tais forças: o do descontentamento e insatisfação da cidadania por um Estado ineficiente e um sistema de partidos que não administra adequadamente as demandas e que está sob a sombra da corrupção. Uma cidadania que avançou socialmente, mas que, com o baixo crescimento econômico atual, teme perder o terreno ganhado deixando de integrar-se plenamente na emergente classe média.

O populismo pode parecer extinto (na América Latina

ocorreu nos 60 e 70) ou em retrocesso (na atualidade na América Latina), mas contém uma mensagem que termina regressando pelos resquícios que deixam as crises cíclicas e as mudanças socioeconômicas traumáticas. Depois da crise dos 80 (a “Década Perdida”) surgiram os “neopopulismos” de Menem ou Fujimori; depois da “Meia Década Perdida” (1997-2002) apareceram o chavismo e os “socialistas do século XXI”. Agora, como aponta Emili J. Blasco: “Existe uma mudança de conjuntura econômica que se vê refletida nas mudanças políticas. Isto não quer dizer que se irá transferir a todos os países. Uns governos passarão maus momentos e outros serão efetivamente varridos, embora neste momento não acredito que vejamos o fim do populismo⁵”.

4. O APARENTE REFLUXO POPULISTA NA AMÉRICA LATINA

A derrota do kirchnerismo nas presidenciais da Argentina de 2015, a do chavismo nas legislativas na Venezuela nesse mesmo ano e a de Evo Morales no referendo da Bolívia começaram a criar essa falsa sensação de que o populismo se encontrava, e se encontra, em decadência e em retirada em uma região onde a maioria das eleições está trazendo derrotas de governos próximos

⁵ En ABC por Emili J. Blasco en “El populismo entre en vía muerta en el continente” http://www.abc.es/internacional/abci-populismo-entra-muerta-201512080239_noticia.html

“Na realidade, o que está acontecendo no panorama político latino-americano é a queda de uma “certa” forma de governar.”

ou vinculados ao “socialismo do século XXI”. As dificuldades crescentes do Governo de Nicolás Maduro na Venezuela desde 2016, ou a vitória ajustada de Lenín Moreno no Equador em 2017, apenas confirmaram esta sensação, além de que se tenha produzido a esmagadora reeleição de Daniel Ortega na Nicarágua.


Na realidade, o que está acontecendo no panorama político latino-americano é a queda de uma “certa” forma de governar. Em 2015, a vitória de Mauricio Macri frente ao peronista Daniel Scioli começou a abrir uma nova etapa na região, marcada pela chegada de governos de centro direita. Uma tendência que a vitória de Jimmy Morales sobre a “socialdemocrata” Sandra Torres na Guatemala,

e o triunfo nas legislativas venezuelanas da Mesa de Unidad Democrática sobre o Partido Socialista Unido da Venezuela, PSUV, reforçaram ainda mais esta ideia.

Como o cientista político Steven Levitsky aponta:

“(Este) retrocesso... tem duas causas principais (sendo) a primeira... o desgaste natural depois de ter governado por três ou quatro períodos presidenciais (...). Depois de três períodos, os governos perdem os reflexos políticos; se distanciam do povo, e muitas vezes, cresce a corrupção. Mesmo quando não são muito corruptos (como no caso da *Concertación* no Chile), o povo se cansa. Mais cedo ou mais tarde, o desgaste afeta a todos os governos.

Tabela 1. Resultados das eleições 2015-2017

ANO	VITÓRIAS Opositoras	VITÓRIAS Oficialistas
2015	<ul style="list-style-type: none">  ARGENTINA (PRESIDENCIAIS)  GUATEMALA (PRESIDENCIAIS)  VENEZUELA (LEGISLATIVAS) 	
2016	<ul style="list-style-type: none">  BOLÍVIA (REFERENDUM)  PERU (PRESIDENCIAIS)  COLÔMBIA (REFERENDUM)  CHILE (LOCAIS)  BRASIL (LOCAIS)  MÉXICO (LOCAIS) 	<ul style="list-style-type: none">  REPÚBLICA DOMINICANA (PRESIDENCIAIS)  NICARÁGUA (PRESIDENCIAIS)
2017		<ul style="list-style-type: none">  EQUADOR (PRESIDENCIAIS)

Fonte: Produção própria

“As últimas derrotas [...] indicam o início do declive deste tipo de alternativas, frente ao giro ou predomínio dos partidos, movimentos e líderes de centro-direita [...]”

Doze anos (Argentina) ou treze anos (Brasil) no poder é muito. Nada é permanente na democracia. Ninguém governa para sempre⁶”.

O populismo, na sua versão anexa ao “socialismo do século XXI”, está atravessando um claro retrocesso, muito mais claro a partir de 2013 depois de ter experimentado indubitáveis progressos desde 2005. Hugo Chávez esteve durante seis anos (1999-2005) muito somente na América Latina, fora sua aliança com a Cuba de Fidel Castro. A meados da década passada, o projeto chavista começou a ganhar aliados na região: Evo Morales na Bolívia em 2005, Daniel Ortega na Nicarágua em 2006 e Rafael Correa no Equador em 2007. Até 2009 essa proposta “anti-imperialista” e anti-neoliberal de Chávez (refletida no ALBA, no Petrocaribe etcetera) continuou expandindo-se com novos aliados como Manuel Zelaya em Honduras ou Fernando Lugo no Paraguai. Além disso, contava com a compreensão de Lula da Silva no Brasil e com a cercania da Argentina kirchnerista.

As últimas derrotas, ou claros retrocessos, indicam o início do declive deste tipo de alternativas, frente ao giro ou predomínio dos partidos, movimentos

e líderes de centro-direita e a emergência de outra classe de lideranças demagógicas e populistas agora alheias à tendência anexa ao “socialismo do século XXI”. Uns populistas novos que, como descreve Flavia Freidenberg em seu estudo já clássico, *La tentación populista*, reúnem uma série de características muito claras:

“O populismo (é) um estilo de liderança que se caracteriza pela relação direta, centrado em uma pessoa e paternalista entre líder-seguidor, no qual o líder não reconhece mediações organizativas ou institucionais, fala em nome do povo e potencializa discursivamente a oposição deste com “os outros”; onde os seguidores estão convencidos das qualidades extraordinárias do líder e eles acreditam que graças a elas e/ou ao clientelismo que tem com ele (tanto material como simbólico) conseguirão melhorar sua situação pessoal ou a de seu entorno⁷”.

O populismo vinculado ao “socialismo do século XXI” pode ter parado sua expansão ou estar na atualidade em retrocesso, mas o populismo em general, ou agora emergente adscrito a posições mais unidas à abordagem da direita do espectro político, tem ante si oportunidades ideais

⁶ En Confidencial por Steven Levitsky, “¿El Fin del giro a la izquierda”: <http://www.confidencial.com.ni/archivos/articulo/21384/iquest-el-fin-del-giro-a-la-izquierdan>

⁷ Flavia Freidenberg, “¿Qué es el populismo? Enfoques de estilo y una nueva propuesta de definición como un estilo de liderazgo” Instituto de Iberoamérica: <https://www.sintesis.com/data/indices/9788497564823.pdf>

“[...] somente ao redor de 40 % da população latino-americana se mostra satisfeita com a qualidade democrática de seus respectivos países, de acordo com um estudo da consultora chilena Latinobarómetro¹⁰.”

para desenvolver-se, já que as condições políticas e socioeconômicas que explicaram o anterior auge populista (o da década passada) continuam existindo, de uma forma ou outra, na atual conjuntura. O catedrático da Universidade de Salamanca, Manuel Alcántara, recorda que o sucesso do chavismo e de outros movimentos dessas características se devem à existência de fatores que ajudaram seu triunfo. Como entre finais dos 90 e meados da primeira década do século XX, na atualidade a América Latina continua marcada por algumas dessas deficiências que alimentaram –e continuam alimentando– um novo renascimento dos diferentes tipos de populismos:

5. A SISTEMATIZAÇÃO POPULISTA, DE ACORDO COM ALCÂNTARA

1. Descontentamento político. Nas palavras do catedrático salmanticense, no início do novo milênio, a América Latina sofria uma: **“crise severa no sistema de representação política, traduzida não somente na perda de confiança da sociedade nos partidos políticos, e de repúdio para com eles, senão também respeito aos políticos profissionais tradicionais⁸”**.

De forma similar, na atualidade se assiste a um distanciamento entre representantes e representados: forte desconfiança para a “classe política”, incredulidade com os partidos e as tradicionais vias de participação, assim como escassa confiança nos governos. Como para o caso do México indica José Woldenberg, professor da Faculdade de Ciências Políticas e Sociais da UNAM:

“Pela primeira vez, vejo o povo com muito pouca esperança. Dá a impressão de que para muitos o dever cívico termina ao emitir o sufrágio (...). Claro, temos um déficit de cidadania como país. Muito poucos cidadãos mexicanos participam de maneira regular em uma organização, seja de direitos humanos, de observação eleitoral, de defesa do meio ambiente, é somente uma minoria⁹”.

De fato, somente ao redor de 40 % da população latino-americana se mostra satisfeita com a qualidade democrática de seus respectivos países, de acordo com um estudo da consultora chilena Latinobarómetro¹⁰. E o que o cientista político francês Pierre Rosanvallon descreve como uma *malaise* democrática, caracterizada pela crescente perda

⁸ CIDOB, Manuel Alcántara Saéz, “América Latina después de Chávez”: <https://es.scribd.com/document/261039605/Alcantara-Saez-M-America-Latina-Despues-de-Chavez>

⁹ Reforma Revista R. Miguel de la Vega entrevista a José Woldenberg: <http://www.reforma.com/aplicacioneslibre/articulo/default.aspx?id=552435&md5=caddabdf328cb86b21622705e4e8631&ta=0dfdbac11765226904c16cb9ad1b2efe>

¹⁰ Opinión Pública Latinoamericana: <http://www.latinobarometro.org/lat.jsp>

“[...] as mobilizações sociais [...] pressionam para conseguir Estados mais eficazes e efetivos que canalizem suas demandas paramelhores serviços públicos.”

de importância das eleições, a menor centralidade do poder administrativo (e suas políticas públicas) e a falta de vínculo com os funcionários públicos e as instituições.

2. Dúvidas no modelo. Mesmo que a região não atravesse “**uma aguda crise econômica**” como durante a **Meia Década Perdida (1998-2003)** os atuais efeitos da desaceleração puseram em dúvida o modelo “petroleiro-exportador onde a classe política tinha usufruído dos canais de distribuição rentista”¹¹.

A Meia Década Perdida engendrou a terceira onda populista (“o novo populismo”), e a atual estagnação que a região sofre cria o terreno fértil (insatisfação por um estado ineficiente e uma economia estagnada que oferece menos oportunidades

de melhora social) para que se produza uma nova onda populista agora situada na direita do espectro político.

3. Crescente divisão social. Alcántara indica que, depois da Meia Década Perdida “estava presente um **severo conflito no modo de articular as relações entre a economia e a sociedade**, assim como no papel atribuído ao Estado nas mesmas”¹³.

Na atual conjuntura, as mobilizações sociais protagonizadas pela classe média emergente (as que tem acontecido no Chile, no Brasil ou na Guatemala) pressionam para conseguir Estados mais eficazes e efetivos que canalizem suas demandas para melhores serviços públicos (transporte, segurança, educação e saúde) e maior transparência.

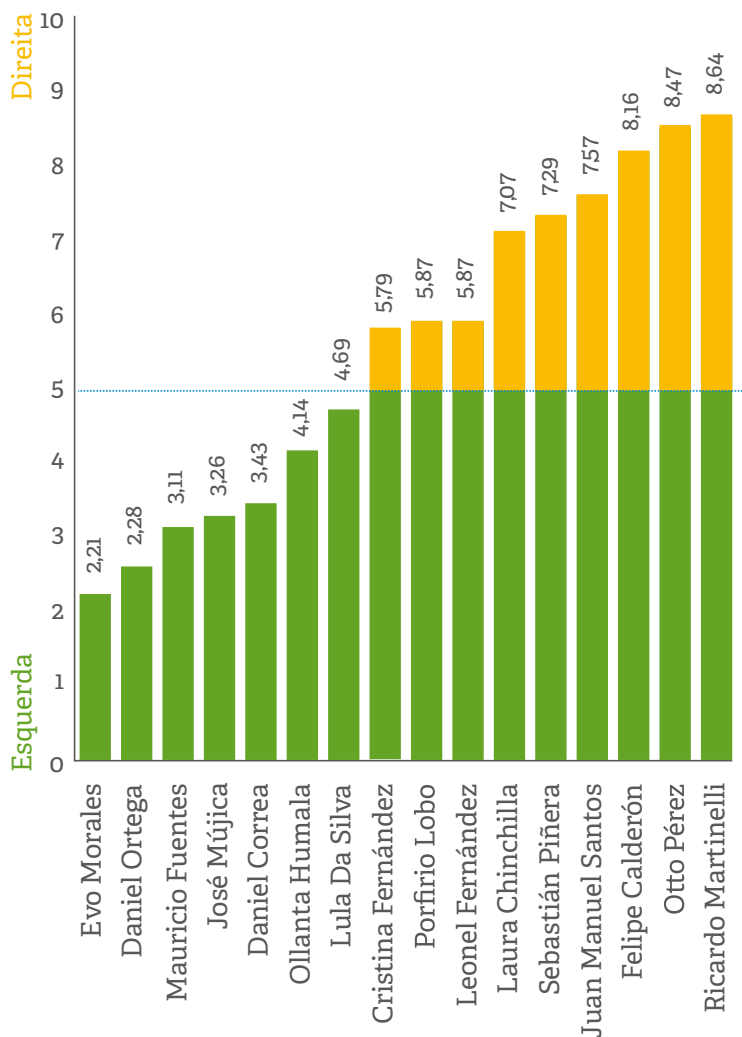
4. Reformas decepcionantes. Há duas décadas “se registrava –segue Alcántara– **o fracasso na hora de diminuir a enorme desigualdade existente**; incluso ao aprofundamento da mesma, em parte pelos decepcionantes resultados da aplicação do modelo de reformas estruturais patrocinado por organismos financeiros internacionais”¹³.



¹¹ CIDOB, Manuel Alcántara Saéz, “América Latina después de Chávez”: <https://es.scribd.com/document/261039605/Alcantara-Saez-M-America-Latina-Despues-de-Chavez>

¹² CIDOB, Manuel Alcántara Saéz, “América Latina después de Chávez”: <https://es.scribd.com/document/261039605/Alcantara-Saez-M-America-Latina-Despues-de-Chavez>

Imagem 2. Perfil ideológico dos presidentes



Fonte: <https://es.scribd.com/document/261039605/Alcantara-Saez-M-America-Latina-Despues-de-Chavez>

Na atualidade, a desaceleração põe em perigo o status social e o terreno avançado, não somente em diminuição da pobreza e desigualdade, mas também quanto à consolidação das classes médias: os setores mais vulneráveis dessas classes médias correm o perigo de passar por um retrocesso social frente ao magro crescimento econômico.

Todo este contexto é o que explica a sobrevivência, atual e no futuro, do populismo, embora se apresente sob outras formas e diferentes características. De fato, na atual conjuntura convivem na região alternativas emergentes do centro a direita (Mauricio Macri na Argentina), partidos e coligações do centro a esquerda (o Governo da Nueva Mayoría no Chile de Michelle Bachelet) e dos tipos de movimentos de carácter populista, tal e como Alcántara sintetiza na figura 2:

6. SOBREVIVÊNCIA DOS MOVIMENTOS E LIDERANÇAS DO “NOVO POPULISMO”

Junto com governos nascidos na década passada no calor do auge do chavismo, mesmo que com suas próprias características e

¹³ CIDOB, Manuel Alcantara Saéz, “América Latina después de Chávez” <https://es.scribd.com/document/261039605/Alcantara-Saez-M-America-Latina-Despues-de-Chavez>

“[...] López Obrador [...] se baseia no fato de que tem um discurso muito atraente para os setores populares, baseado em levantar as bandeiras contra a classe política tradicional, denunciar a corrupção e em aumentar uma mensagem de alto conteúdo nacionalista em torno à defesa do próprio.”

peculiaridades (Evo Morales na Bolívia, Daniel Ortega na Nicarágua, ou o correísmo no Equador), prevalecem forças que recolhem claramente o que tem sido a tradição populista mais recente. É o caso do kirchnerismo em Argentina, representado por a ex-presidente Cristina Kirchner, que aspira a se tornar senadora em 2017, e assim pavimentar seu regresso à Casa Rosada em 2019; ou é a situação também da liderança do mexicano Andrés Manuel López Obrador (AMLO). Trata-se dos restos do que Susanne Gratius descreveu como **terceira onda populista** ou “novo populismo”, hegemônico durante a década passada.

AMLO, um dos favoritos para ganhar as eleições presidenciais mexicanas em 2018, mostra um discurso demagógico que contém, em si mesmo, as características deste tipo de populismos. Por exemplo, a apresentação dicotômica e maniqueísta de uma realidade dividida permanentemente entre “bons e maus”, como quando indica e acusa de corrupção à classe política tradicional: “Todos eles deram as costas a nosso movimento e adianto: vêm novas traições, porque uma traição sempre vem acompanhada de outras, nunca chega sozinha, mas os que traem são os politikeiros, os corruptos, não a gente; não o povo”.

O discurso lopezobradorista se constrói apoiado na criação de

um inimigo comum e facilmente identificável: a “máfia do poder” (os partidos tradicionais e a classe política). Uma “máfia” que traiu o povo, criação mitificada e símbolo da pureza republicana, de quem o líder (neste caso AMLO) é seu representante e encarnação. Após a eleição em Edomez em junho, López Obrador reforçou seu favoritismo eleitoral para as campanhas do ano que vem.

7. AMLO E OS TRÊS PILARES

Uma proeminência que se apoia em três pilares que refletem as características de sua proposta:

1. Seu forte carisma. Todo populismo precisa de uma liderança carismática baseada na relação direta e pouco institucionalizada entre o líder e seus seguidores.

Um dos grandes pontos fortes de López Obrador, que diz que fala em nome do povo e que encarna o povo, se baseia no fato de que tem um discurso muito atraente para os setores populares, baseado em levantar as bandeiras contra a classe política tradicional, denunciar a corrupção e em aumentar uma mensagem de alto conteúdo nacionalista em torno à defesa do próprio (muito importante nesta conjuntura na qual, ao outro lado da fronteira se encontra Donald Trump, que mantém uma política pouco propensa aos interesses do México).

“López Obrador criou um partido em torno a ele [...] que conta com uma estrutura escassamente desenvolvida, assim como membros em pequeno número e heterogêneos.”

2. Forte desgaste e decréscimo da cidadania com respeito aos partidos tradicionais.

O populismo cresce na medida em que as instituições democráticas são fracas e o contexto de crise propicia a emergência de lideranças demagógicas. Neste sentido, o desgaste sofrido pelo resto das forças políticas melhora as opções de López Obrador. O PAN governou doze anos (2000-2012) e o PRI desde 2012 e nenhuma das administrações conseguiu encaminhar os desejos de mudança da população, nem levar o México a um crescimento sustentado e elevado. Parece que se instalou a crença de que “já é a sua vez” ou de que “é o momento de López Obrador”: que chegou a hora de dar uma oportunidade ao único partido (Morena) que, junto com o PRD, não governou o México desde que em 1997/2000 acabou a hegemonia priísta.

3. A miragem das expectativas.

Um possível governo de López Obrador se encontraria com um grave problema de base, nascido de sua prédica populista. Suas promessas de mudança e regeneração criam uma revolução de expectativas muito complexas de cumprir e de tornar realidade. López Obrador criou um partido em torno a ele (na verdade uma força política que não é nada sem ele) que conta com uma estrutura escassamente desenvolvida, assim como membros em pequeno número e heterogêneos. Isto supõe que um possível governo

de López Obrador entraria em choque de imediato com a complexa realidade: não teria maioria nas Câmaras; contaria com escassos suportes entre os governadores, pois a maioria pertence ao PRI e PAN, e teria sérias dificuldades para formar uma equipe de governo sólida e coerente.

Essas debilidades seriam compensadas por López Obrador apelando a sua capacidade de popularizar uma utopia baseada em uma reconstrução mítica da história mexicana. Aspira a recriar um mitificado passado republicano (a época de Benito Juárez) onde os princípios morais e éticos estavam por cima dos interesses materiais e onde a corrupção, teoricamente, não existia. Esse mundo utópico e mítico, que muitos de seus seguidores sonham com reconstruir, deverá fazer atravessar conjunturas complexas assim que se inicie o governo e terão que lidar com a difícil realidade mexicana, regional e mundial.

Essas dificuldades podem fazer com que López Obrador **tome medidas em curto prazo que levarão somente a manter seus níveis de suporte e apoios sociais**. Seria um governo de contínuos golpes de efeito para compensar as dificuldades conjunturais que fosse encontrando: detenção e paralização das reformas de abertura do governo de Peña Nieto, aposta por elevar o gasto social e política nacionalista na relação com os Estados Unidos, tratando de

“[...] lideranças nascidas à margem dos partidos tradicionais, que vinham de fora da política e estavam relacionados, de uma ou outra forma, com os meios de comunicação massiva, e que cresceram em paralelo às crises ou graças ao colapso dos velhos sistemas de partidos marcados pela corrupção.”

mostrar contundência e exagerando frente às iniciativas de Donald Trump.

É improvável que López Obrador desate uma onda de expropriações ou que assuma uma política baseada no “socialismo do século XXI” no caso de chegar ao poder. **É muito mais possível que um governo seu esteja marcado pela improvisação e os vaivéns**, produto da heterogeneidade dos homens que o acompanham e da inexperiência da maioria. Sobretudo se sua possível vitória e acesso ao poder, que já provocou uma retração dos investimentos estrangeiros, se acentuasse com suas primeiras medidas (de caráter antirreformista) e com uma linha de governo, quase com certeza total, marcada pela falta de uma direção única e coesa.

8. APARIÇÃO, EMERGÊNCIA E ASCENSÃO DO “POPULISMO FRENTE À ELITE” NA AMÉRICA LATINA.

Alejandro Ordóñez: “Eu gerei um discurso politicamente incorreto, desafiando ao poder estabelecido”

Se desde 1998 o que predominou na região foi o populismo vinculado ao “socialismo do século XXI”, o “populismo rentista de esquerda”, o que se começa a perceber desde 2015 é a aparição de outra classe de populismos situados na direita do espectro político, e que foram reforçados pela emergên-

cia em escala internacional de fenômenos de sucesso a imitar, ao menos em parte, como o encarnado por Donald Trump nos Estados Unidos. E um populismo caracterizado, entre outras coisas, por um elemento concreto: a rejeição à classe política no poder (a maioria vinculada ao “socialismo do século XXI”) e para os partidos tradicionais, que consideram estar muito longe dos militantes. Não é um componente estranho aos três populismos anteriores, mas sim que se encontra muito marcado nesta quarta etapa.

Na verdade, na região já aconteceram casos que apontavam ou continham algumas das características que depois popularizou o novo presidente norte americano: lideranças nascidas à margem dos partidos tradicionais, que vinham de fora da política e estavam relacionados, de uma ou outra forma, com os meios de comunicação massiva, e que cresceram em paralelo às crises ou graças ao colapso dos velhos sistemas de partidos marcados pela corrupção.

Saiu, neste sentido, como uma antecipação do que estava por chegar, o fenômeno de Jimmy Morales na Guatemala em 2015. Agora, na presente conjuntura, existem outras figuras que podem se tornar líderes populistas emergentes de uma direita *antiestablishment*. Trata-se de figuras como as de Jair Bolsonaro no Brasil, Alejandro

“Um as lideranças que crescem devido a que existe o terreno fértil: o baixo crescimento econômico e o mal-estar social e político por unas administrações ineficientes.”

Ordóñez e, em certos aspectos, o uribismo na Colômbia ou o fujimorismo no Peru.

Um as lideranças que crescem devido a que existe o terreno fértil: o baixo crescimento econômico e o mal-estar social e político por unas administrações ineficientes. Isto favorece o voto de castigo para quem está no poder: na maioria dos casos, governos de centro esquerda ou do “socialismo do século XXI”, o que explica a mudança para opções de direita e figuras que vêm de fora do sistema. Lideranças nascidas do tédio de uma grande parte da população, que se sentia à margem das decisões que lhes afetavam. Como escrevia recentemente Peter Hessler em *The New Yorker* em seu artigo “Como Trump está transformando a América rural”:

“Parecia que o cálculo estivesse invertido: as qualidades negativas de Trump, que foram descritas uma vez como meios necessários para um fim, começaram a ganhar agora um valor em si mesmas. Não se tratava necessariamente de conseguir que se fizessem as coisas; mas de vingar-se dos meios e de outros inimigos. Isto sempre foi um elemento fundamental da atração de Trump, mas as pessoas quase nunca o expressavam antes que ele chegasse ao poder”.

Nestes momentos, esse voto de castigo se está encaminhando de duas formas diferentes na

região. Seja através de candidatos que se encontram dentro das principais e tradicionais forças da oposição, ou para o apoio a candidatos *outsiders*, alheios à política.

As vitórias opositoras na América Latina vêm sucedendo-se nos últimos anos, em especial desde 2015, e afetam fundamentalmente, mas não em exclusiva, aos líderes e presidentes considerados de esquerda (o kirchnerismo na Argentina, por exemplo). Essas derrotas das diferentes esquerdas (o PT brasileiro e a chilena Nueva Mayoría nas eleições locais de 2016; o chavismo nas legislativas venezuelanas de 2015) estão acompanhadas também pelo surgimento de novas figuras atribuídas a centro direita (**Mauricio Macri** na Argentina ou **Pedro Pablo Kuczynski** no Peru).

Exemplo da segunda parte (apoio a *outsiders*) foi **Jimmy Morales**, que em 2015, frente ao colapso do sistema de partidos e da classe política guatemalteca devido ao escândalo de La Línea, emergiu desde fora do sistema para se erguer com a vitória na segunda rodada das presidenciais. Morales se converteu na grande surpresa das eleições guatemaltecas de 2015 por três razões fundamentais que explicaram o sucesso deste ator de televisão metido a político:

1. Morales conseguiu, em primeiro lugar, transformar-se no único candidato capaz de

“Figuras populares e outsiders da política que crescem eleitoralmente balançando uma mensagem antiestablishment que ecoa entre uma cidadania que rejeita por corrupto o sistema de partidos tradicional.”

transmitir a imagem de renovação frente à velha política ligada ao clientelismo e à corrupção. Foi em alguns aspectos uma antecipação de Trump e do novo lote de políticos populistas na América Latina.

Daniel Hearing, professor da Universidade Francisco Marroquín, apontou que um comediante sem dinheiro, sem estrutura política e que testava o ambiente para as próximas eleições terminou por estar no meio de tudo isto. Com a limpeza que tinha por não ser político, somente teve que sorrir para parecer o mais crível de todos os candidatos. Nem corrupto nem ladrão. Não muito mais que isso.

2. Além disso, conseguiu encaminhar o mal-estar da cidadania contra os partidos e a classe política. Sua mensagem chegou, sobretudo, ao eleitorado urbano, em especial ao da capital e às classes médias, mobilizadas contra a corrupção.

De fato, o descrédito que sofria, e ainda sofre, a classe política guatemalteca pelos numerosos casos de corrupção e o desapego com as instituições, é o que favoreceu a emergência desta nova figura no panorama político deste país centro americano. Esse mal-estar, que provocou mobilizações de multidões de abril a setembro de 2015, até provocar a caída de Otto Pérez Molina, acabou sendo encaminhado por Jimmy Morales.

Sem experiência política, sua figura foi beneficiada pela imagem que projetava: um homem fora das elites, sem sombra de corrupção. As acusações que recebia (inexperiência política e desconhecimento de Estado) soube transformá-las em virtudes a seu favor (não era uma figura da tão denotada política tradicional).

3. Também, conseguiu situar a corrupção como o tema prioritário da agenda nacional, terreno no qual resultou imbatível frente a um Manuel Baldizón que cresceu dentro do sistema questionado; ou frente a Sandra Torres, que teve importantes responsabilidades em anteriores administrações e esteve ligada a políticas clientelistas.

O exemplo de Morales, visto em perspectiva, se transforma, na realidade, em uma antecipação do que está por vir e por acontecer. Figuras populares e outsiders da política que crescem eleitoralmente balançando uma mensagem antiestablishment que ecoa entre uma cidadania que rejeita por corrupto o sistema de partidos tradicional. Este tipo de lideranças (Morales na Guatemala, o governador de Novo León no México –Jaime Rodríguez Calderón, alias “O Bronco”–, o próprio Trump nos Estados Unidos) criam muitas expectativas de mudança e renovação que, com o passar do tempo, acabam encalhando e se voltam contra eles.

“O fenômeno Trump [...] terá suas ondas expansivas em escala mundial e também latino-americana.”

O fenômeno Trump (como exemplo de liderança pessoal não institucional de sucesso e de uma mensagem capaz de mobilizar a um eleitorado que se sente longe dos partidos tradicionais) terá suas ondas expansivas em escala mundial e também latino-americana. Torna-se um exemplo a imitar e seguir por figuras que, estranhas aos grandes partidos, populares graças a sua presença nos meios, tratam de alcançar o poder com um discurso direto, politicamente incorreto, de efeito e polarizador. Além disso, trata-se de uma mensagem extremamente centrada em uma pessoa, pronunciada a partir da direita do espectro político, mas que mantém paralelismos com as formas e, em parte com a base, do sustentado, até agora, por populismos de esquerda.

Esse “populismo trumpista” ou “populismo antielite” está em gestação na atual conjuntura na América Latina. Em alguns países avançará com força, em outros se afundará para sempre e em outros pode ficar somente como um projeto que é uma semente, a futuro. As crises dos sistemas de partidos lastrados pela corrupção (Brasil), de sociedades muito polarizadas em torno a determinados temas (Colômbia) ou de países

onde aumenta o descontentamento por um estado ineficiente e uma classe política que não canaliza as demandas (Peru) são terrenos férteis propícios para que germine, madure e tenha sucesso esta nova modalidade de populismo.

E exemplos de onde encontrar esse tipo de lideranças não faltam: em outubro de 2015, a edição no Brasil da cadeia BBC advertia de que a carreira presidencial de 2018 “podia ter um Trump brasileiro¹⁵” em referência ao deputado federal do Rio de Janeiro, **Jair Bolsonaro**, a quem as pesquisas situam entre os que possuem maior intenção de voto junto a Marina Silva e Lula da Silva. “Em 2018, o Brasil seguirá o mesmo caminho¹⁵”, disse Bolsonaro depois de se confirmar o triunfo de Trump. Uma das chaves de seu auge é, de acordo com Mauro Paulino, diretor geral do Datafolha, que Bolsonaro conseguiu, ao longo dos anos, estabelecer suas mensagens e criar uma marca que contempla valores de extrema-direita: combate violento à criminalidade, homofobia, anti-feminismo, etcetera.

Mas há mais aspirantes a “Trump latino-americanos”. Alejandro Ordóñez, o ex-fiscal da Colômbia, luta por liderar,

¹⁴ BBC “Los presentadores de ‘The Apprentice’ que se han lanzado a la política como Donald Trump” 2017 <http://www.bbc.com/mundo/noticias-internacional-38923270> <http://www.bbc.com/mundo/noticias-internacional-38923270> de-Chavez

¹⁵ La Tercera “Jair Bolsonaro, el populista que aprovecha la crisis de Temer” por Fernando Fuente, 2017. <http://www.latercera.com/noticia/jair-bolsonaro-populista-aprovecha-la-crisis-temer/>

“Eu criei um discurso politicamente incorreto, desafiando o estabelecido. Assim será minha campanha.”

ou ao menos integrar, uma grande coligação de direita a partir de um antiacordo de paz com o fim de evitar o contínuismo do santismo ou um giro à esquerda no país.

Suas ideias e suas formas em alguns casos lembram as de Trump, a quem ele não duvida em usar como exemplo:

“E uma proposta desde o ideário conservador. E uma revolução conservadora como a que lideraram Reagan e Thatcher. E agora se pode dizer que Trump a está fazendo, apesar de ser quem é. O que eu disse é que a ortodoxia e os paradigmas vieram rompendo numa boa hora nas democracias ocidentais. No Reino Unido com o Brexit, na França com Macron e Le Pen que não eram do estabelecido e na Colômbia com o plebiscito de 2 de outubro. Trump é um referente em matéria política porque é dos poucos políticos que cumpre o que promete. Se enfrenta ao estabelecido. Tem coisas que podemos não estar de acordo em sua vida pessoal, suas excentricidades. O que eu aspiro a ser é dizer o que penso, fazer o que digo e cumprir o que prometo. Desde pequeno penso o que penso. E nunca me envergonhei disso e nunca pedi desculpas pelo que sou. **Eu criei um discurso politicamente incorreto, desafiando o estabelecido. Assim será minha campanha**”.

9. CONCLUSÕES

A América Latina vive um novo ciclo político alimentado pelo final da bonança econômica e marcado por três dinâmicas que avançam em paralelo:

1. O enfraquecimento das opções vinculadas às diferentes esquerdas da região.
2. A maior fortaleza das opções de centro direita.
3. A sobrevivência de dois tipos de populismos, cuja supervivência nega a tese de que estes tipos de forças estão em retrocesso. Trata-se de um populismo próximo às abordagens do “socialismo do século XXI” e outro situado à direita, com uma clara mensagem “antielite”.

Estes novos movimentos populistas, que podem ganhar ou não as eleições, mas que são uma presença real no panorama político, crescem graças à piora do clima econômico (a desaceleração) que põe em perigo as melhores sociais alcançadas desde 2003. Igualmente, se nutre do descontentamento e das críticas aos partidos e aos políticos alcançados e envolvidos nos casos de corrupção. Finalmente, é reforçado pela existência de um estado e umas administrações ineficazes e ineficientes na hora de projetar políticas públicas, que encam-

“Os “terríveis simplificadores” proliferam quando cresce a incerteza e a ansiedade na sociedade e por isto hoje em dia são uma tendência global [...]”

inham as reclamações por um melhor funcionamento dos serviços públicos (educação, saúde e transporte, assim como segurança).

A ineficácia, debilidade e precariedade dos processos de institucionalização tem permitido a sobrevivência e emergência de fenômenos populistas que defendem uma forte concentração do poder em uma pessoa frente à debilidade institucional. O mal-estar por um estado disfuncional se traduz no apoio a alternativas de forte aspecto da centralização em uma pessoa.

Estes populismos de direita baseiam seu sucesso na geração de bandeiras que elevaram os de esquerda há uma década: constroem uma dicotomia entre “bons e maus”, povo e oligarquia. Enrique Gil Calvo lembra como o populismo tenta construir:

“A identidade coletiva apelando a suas aversões comuns, tal e como teorizou Laclau. Isto faz com que a identidade populista se caracterize por sua negatividade, pois precisa fabricar um “inimigo do povo” do qual

depende sua proposta de sujeito político... A razão populista tende a exacerbar o conflito antagônico”.

Em última análise, a demagogia e o populismo estão longe de estar em decadência ou a ponto de desaparecer na América Latina. De fato, tudo indica que reaparecerão sob outros rostos e além disso terão uma presença global, porque existe um contexto propício (o estancamento econômico), exemplos de sucesso a imitar (Donald Trump) e líderes carismáticos que aspiram a aproveitar o novo *momentum* populista.

Na verdade, nada de novo sob o sol, tal e como indicará Moisés Naim: “O mais interessante de Trump, como produto político, não é o excepcional que é, mas o comum que é nestes tempos de antipolítica. **Os “terríveis simplificadores” proliferam quando cresce a incerteza e a ansiedade na sociedade e por isto hoje em dia são uma tendência global.** Estão em todas as partes. Mas Trump é a mais perigosa manifestação desta tendência. E, nisso, ele é excepcional”.

Profissionais de contato



Luisa García é Sócia e COO para América Latina na LLORENTE & CUENCA. Especialista na gestão de contas regionais e consultoria estratégica, Luisa é sócia e COO para América Latina de LLORENTE & CUENCA, Presidenta da Câmara Oficial de Comércio da Espanha no Peru e a “chapter chair” do capítulo peruano da Young Presidents’ Organization (YPO). Além disso, pertence ao Conselho Consultivo de Ajuda em Ação, e aos comitês assessores de Enseña Perú e da Associação para o Progreso da Direção (APD) no Peru. Luisa foi eleita uma das 50 mulheres de negócios mais influentes da América Latina pela publicação Latin Business Chronicle em 2013 e, também, foi reconhecida como Executiva do ano na América Latina, Executiva do ano em Serviços Corporativos e Mulher do ano, na categoria de Comunicação, nos Stevie Awards for Women in Business.

lgarcia@llorentycuenca.com



Claudio Vallejo é diretor sênior de Latam Desk na LLORENTE & CUENCA Espanha. É formado em Direito e Diplomado em Estudos Avançados na Comunicação (DEA) pela Universidade Complutense de Madrid, especializado em relações internacionais e marketing internacional pela University of Kent em Canterbury, Reino Unido. Anteriormente, exerceu como senior advisor na firma multinacional de comunicação estratégica e public affairs, KREAB. Como diretor de comunicação, exerceu suas funções em várias empresas relevantes em cada um de seus setores como CODERE, ENCE, SOLUZIONA e responsável internacional de comunicação da elétrica UNION FENOSA. Previamente a esta experiência empresarial, o Claudio foi Agregado Comercial na Oficina Comercial da Embaixada da Espanha em Quito, Equador.

cvallejo@llorentycuenca.com

S/A LLORENTE & CUENCA

DIREÇÃO CORPORATIVA

José Antonio Llorente
Sócio fundador e presidente
jalloriente@llorenteycuenca.com

Enrique González
Sócio e CFO
egonzalez@llorenteycuenca.com

Adolfo Corujo
Sócio e diretor geral corporativo de
Talentos, Organização e Inovação
acorujo@llorenteycuenca.com

Carmen Gómez Menor
Diretora Corporativa
cgomez@llorenteycuenca.com

DIREÇÃO AMÉRICAS

Alejandro Romero
Sócio e CEO Américas
aromero@llorenteycuenca.com

Luisa García
Sócia e COO América Latina
lgarcia@llorenteycuenca.com

Erich de la Fuente
Sócio e CEO EUA
edela Fuente@llorenteycuenca.com

José Luis Di Girolamo
Sócio e CFO América Latina
jldgirolamo@llorenteycuenca.com

DIREÇÃO DE TALENTO

Daniel Moreno
Diretor de Talento
dmoreno@llorenteycuenca.com

Marjorie Barrientos
Gerente de Talento
para Região Andina
mbarrientos@llorenteycuenca.com

Karina Sanches
Gerente de Talento para
Cone Sul
ksanches@llorenteycuenca.com

ESPAÑA E PORTUGAL

Arturo Pinedo
Sócio e diretor geral
apinedo@llorenteycuenca.com

Goyo Panadero
Sócio e diretor geral
gpanadero@llorenteycuenca.com

Barcelona

María Cura
Sócia e diretora geral
mcura@llorenteycuenca.com

Muntaner, 240-242, 1º-1ª
08021 Barcelona
Tel. +34 93 217 22 17

Madrid

Joan Navarro
Sócio e vice-presidente
Assuntos Públicos
jnavarro@llorenteycuenca.com

Amalio Moratalla
Sócio e diretor sénior
amoratalla@llorenteycuenca.com

Jordi Sevilla
Vice-presidente de
Contexto Económico
jsevilla@llorenteycuenca.com

Latam Desk
Claudio Vallejo
Diretor sénior
cvallejo@llorenteycuenca.com

Lagasca, 88 - planta 3
28001 Madrid
Tel. +34 91 563 77 22

Impossible Tellers

Ana Folgueira
Diretora geral
ana@impossibletellers.com

Diego de León, 22, 3º izq
28006 Madrid
Tel. +34 91 438 42 95

Cink

Sergio Cortés
Sócio. Fundador e presidente
scortes@cink.es

Muntaner, 240, 1º-1ª
08021 Barcelona
Tel. +34 93 348 84 28

Lisboa

Tiago Vidal
Diretor geral
tvidal@llorenteycuenca.com

Avenida da Liberdade nº225, 5º Esq.
1250-142 Lisboa
Tel. +351 21 923 97 00

EUA

Miami

Erich de la Fuente
Sócio e CEO
edela Fuente@llorenteycuenca.com

600 Brickell Ave.
Suite 2020
Miami, FL 33131
Tel. +1 786 590 1000

Nova Iorque

Latam Desk
Salomón Kalach
Diretor
skalach@llorenteycuenca.com

Abernathy MacGregor
277 Park Avenue, 39th Floor
New York, NY 10172
Tel. +1 212 371 5999 (ext. 374)

Washington, DC

Ana Gamonal
Diretora
agamonal@llorenteycuenca.com

10705 Rosehaven Street
Fairfax, VA 22030
Washington, DC
Tel. +1 703 505 4211

MÉXICO, AMÉRICA CENTRAL E CARIBE

Cidade do México

Juan Arteaga
Diretor geral
jarteaga@llorenteycuenca.com

Rogelio Blanco
Diretor geral
rblanco@llorenteycuenca.com

Bernardo Quintana Kawage
Presidente Conselheiro e Membro
do Comitê de Direção
bquintanak@llorenteycuenca.com

Av. Paseo de la Reforma 412, Piso 14,
Col. Juárez, Del. Cuauhtémoc
CP 06600, Cidade do México
Tel. +52 55 5257 1084

A Havana

Pau Solanilla
Diretor geral
psolanilla@llorenteycuenca.com

Sortis Business Tower, piso 9
Calle 57, Obarrio - Panamá
Tel. +507 206 5200

Panamá

Javier Rosado
Sócio e diretor geral
jrosado@llorenteycuenca.com

Sortis Business Tower, piso 9
Calle 57, Obarrio - Panamá
Tel. +507 206 5200

Santo Domingo

Iban Campo
Diretor geral
icampo@llorenteycuenca.com

Av. Abraham Lincoln 1069
Torre Ejecutiva Sonora, planta 7
Tel. +1 809 6161975

REGIÃO ANDINA

Bogotá

María Esteve
Sócia e diretora geral
mesteve@llorenteycuenca.com

Av. Calle 82 # 9-65 Piso 4
Bogotá D.C. - Colombia
Tel. +57 1 7438000

Lima

Luis Miguel Peña
Sócio e diretor sénior
lmpeña@llorenteycuenca.com

Humberto Zogbi
Presidente
hzogbi@llorenteycuenca.com

Av. Andrés Reyes 420, piso 7
San Isidro
Tel. +51 1 2229491

Quito

Alejandra Rivas
Diretora geral
arivas@llorenteycuenca.com

Avda. 12 de Octubre N24-528 y
Cordero - Edificio World Trade
Center - Torre B - piso 11
Tel. +593 2 2565820

Santiago de Chile

Francisco Aylwin
Presidente
faylwin@llorenteycuenca.com

Néstor Leal
Diretor
nleal@llorenteycuenca.com

Magdalena 140, Oficina 1801.
Las Condes.
Tel. +56 22 207 32 00

AMÉRICA DO SUL

Buenos Aires

Daniel Valli
Diretor geral e diretor sénior
de Desenvolvimento de
Negócios Cone Sul
dvalli@llorenteycuenca.com

Av. Corrientes 222, piso 8. C1043AAP
Tel. +54 11 5556 0700

Rio de Janeiro

Juan Carlos Gozzer
jcgozzer@llorenteycuenca.com

Rua da Assembleia, 10 - Sala 1801
RJ - 20011-000
Tel. +55 21 3797 6400

São Paulo

Marco Antonio Sabino
Sócio e presidente Brasil
masabino@llorenteycuenca.com

Juan Carlos Gozzer
Diretor geral
jcgozzer@llorenteycuenca.com

Rua Oscar Freire, 379, Cj 111,
Cerqueira César SP - 01426-001
Tel. +55 11 3060 3390



d+i desenvolvendo ideias

LLORENTE & CUENCA

Desenvolvendo Ideias é o Centro de Ideias, Análise e Tendências da LLORENTE & CUENCA.

Porque estamos testemunhando um novo modelo macroeconômico e social. E a comunicação não fica atrás. Avança.

Desenvolvendo Ideias é uma combinação global de relacionamento e troca de conhecimentos que identifica, se concentra e transmite os novos paradigmas da comunicação a partir de uma posição independente.

Desenvolvendo Ideias é um fluxo constante de ideias que adianta os avanços da nova era da informação e da gestão empresarial.

Porque a realidade não é preta ou branca existe

Desenvolvendo Ideias.

www.desenvolvendo-ideias.com

www.revista-uno.com.br